

As colagens de Wisława Szymborska

Michał Rusinek

Wisława Szymborska falava de bom grado dos seus bilhetes-postais com montagens-colagens. Guardara para si um dos primeiros postais, provavelmente do final dos anos 60: uma coluna da Antiguidade com uma porta aberta, onde se vê uma silhueta. Depois da sua morte, numa caixinha de lata de chocolates After Eight, encontrámos, para além deste primeiro postal, outros, recentes, que ela já não tivera tempo de enviar... Quantos bilhetes-postais com colagens fez ao todo? É muito difícil fazer uma estimativa. Fê-los com regularidade durante cerca de quarenta anos; nos últimos anos, cerca de cem por ano. Provavelmente, cerca de vários milhares de postais com colagens de Szymborska existem algures espalhados pelo mundo, por entre os herdeiros dos seus amigos e conhecidos.

Nem todos os amigos recebiam postais com colagens, porque nem todos compreendiam o seu humor e a sua estrutura irónica, já que a chave para compreender as suas colagens é a ironia. A mesma ironia que constitui uma das chaves para compreender a poesia de Wisława Szymborska.

A ironia é uma figura de distanciamento. Permite olhar de modo diferente não só para o mundo, mas também para a língua – inclusivamente a linguagem visual –, com a ajuda da qual se fala do mundo. O ironista não é um satirista, porque não escarnece. O ironista é alguém que não olha só o mundo circundante, mas também se olha a si próprio a olhar o mundo circundante, visto que não existe ironia sem autoironia. «De esguelha, mas a sério», tal como diz Miłosz.

A ironia não está apenas ao serviço dos jogos literários. A ironia também é uma figura vigilante que vigia tudo aquilo a que nos habituámos por comodidade, que vigia o bom senso, sendo este uma categoria que adormece a vigilância, que vigia todo o fundamentalismo e autoconfiança, bem como a atrofia face ao espanto, que constantemente deveria acompanhar-nos, espanto face à milagrosa normalidade do mundo. (...)

Regressemos à ironia das colagens. A sua receita era muito simples: escolhem-se dois elementos pertencentes a duas ordens de coisas diferentes, contrapõem-se os dois e fica-se a olhar para eles à espera que algo aconteça entre ambos. Estas colagens são experiências surrealistas. Em algumas, podemos ver o fascínio que René Magritte exercia

sobre Szymborska, noutras, a influência de Terry Gilliam, de cujas sequências de animação no programa televisivo *Monty Python* gostava muito.

Certo dia, telefonou-me para perguntar se eu tinha alguma imagem do deserto. Apanhou-me de surpresa; por isso, disse-lhe que ia procurar, mas perguntei-lhe para que precisava dessa imagem. Respondeu que estava a fazer colagens, tinha recortado de algures uma tabuleta que dizia «Proibido tomar banho» e queria colocá-la no meio do deserto, só que não conseguia encontrar uma imagem adequada. Nunca chegou a compor um postal com esta colagem, mas a anedota ilustra o modo como surgiam estes postais com montagens e colagens.

O choque de elementos entre duas ordens de coisas e o seu efeito cómico, Szymborska também o observava na realidade. Uma vez contou-me que, nas profundezas da República Popular da Polónia, participara no desfile do 1.º de maio, onde seguiam representantes de diversas profissões com cartazes. As jovens trabalhadoras de uma firma geodésica suscitaram naturalmente muitos aplausos, mas Szymborska reparou no cartaz que transportavam e dizia: «Ensaios de perfuração».

No primeiro aniversário da morte de Wisława Szymborska, organizámos, na cave do Palácio pod Baranami, uma exposição que reuniu 20 dos seus postais com colagens, ampliados, e publicámos um catálogo com reproduções que podiam ser recortadas e enviadas por correio como postais. Passados alguns meses, comprámos uma mala de viagem especial e enviámos a exposição pelo mundo fora. Entre outros, a exposição esteve patente em Gavoi, na Sardenha, em Madrid, Macau, Nuremberga, Sófia, Budapeste e, inclusivamente, em Astana, capital do Cazaquistão.

In *O Nada Virado do Avesso – em torno de Wisława Szymborska* (2019). Ricardo Gil Soeiro e Teresa Fernandes Swiatkiewicz (coord.). Braga. Poética Edições. (Trad. Teresa Fernandes Swiatkiewicz)

*

As colagens de Wisława Szymborska

Joanna Trzeciak Huss

Quando (...) reatei a correspondência com Szymborska, enviei-lhe de Dallas uma fotografia minha a coser um botão, o que a deixou novamente bem-humorada e, partir daí, comecei a receber regularmente as suas colagens artesanais. Dava-lhe um grande

prazer criar colagens personalizadas que ela depois acoplava em postais e enviava aos amigos. Não eram cópias, mas sim obras de arte individuais que consistiam em imagens cirurgicamente retiradas de revistas, calendários ou jornais e que depois eram coladas num cartão, contendo uma breve nota manuscrita no verso para o destinatário.

Ela tinha um gosto muito particular em termos artísticos – especialmente postais – pelo que até os materiais tinham uma grande importância para a sua sensibilidade. Uma vez visitei o Instituto de Arte de Chicago, um museu de nível mundial, e peguei num postal que continha uma gravura de Hiroshige Utagawa de 1857, intitulada “Aguaceiro em Atake”, uma vez que ela tinha escrito um poema, *As pessoas na ponte*, uma meditação sobre essa gravura. Da vez seguinte que estive com ela na Polónia ela comentou que a reprodução mate do postal lhe agradava muito mais do que a lustrosa impressão da capa do livro da sua segunda tradução inglesa. Para ela, o brilho da capa era uma afronta ao artista, era como tocar Bach num trompete, dizia ela.

In *O Nada Virado do Averso – em torno de Wisława Szymborska* (2019). Ricardo Gil Soeiro e Teresa Fernandes Swiatkiewicz (coord.). Braga. Poética Edições. (Trad. Ricardo Gil Soeiro)